

Pioneiros de Brasília querem ser senadores

Marcos Magalhães

Brasília — Entre ternos e gravatas, o candidato ao Senado Sebastião Gomes da Silva promete uma novidade para o dia da posse, ser for eleito a 15 de novembro: receberá o diploma vestido de padeiro. Foi assim que ele começou a vida em Brasília há 29 anos e é assim — como “Tio Padeiro” — que ele se apresenta em **outdoors** e cartazes espalhados pela cidade.

Como Sebastião, 68 outros candidatos estão na corrida pelas três vagas de senador, em disputa pela primeira vez no Distrito Federal. Ao contrário de todos os estados, porém, não são políticos de larga experiência e aparência austera que predominam na disputa. São, às vezes, humildes pioneiros, que vêm no título de senador uma recompensa por sua contribuição à criação da nova capital.

“Ninguém possui uma folha de serviços prestados a Brasília tão grande quanto eu”, garante o rico empresário Newton Rossi, há 26 anos na cidade, candidato ao senado pelo PDC. “Já fiz de tudo na vida, fui faxineiro, padeiro, por que é que agora não posso ser senador?”, diz empolgado Sebastião Gomes.

Se os votos do Distrito Federal fossem divididos igualmente entre os 68 candidatos, não sobriam mais de 10 mil para cada um deles. Mas é raro ver algum deles desanimado, mesmo que seus solitários gestos políticos tenham resultado em fracasso.

Foi o caso da adocicada campanha “João no coração”, que Newton Rossi, presidente da Federação de Comércio, lançou para receber de volta ao país o ex-presidente João Figueiredo, quando ele se submeteu a uma operação no coração em Cleveland, nos Estados Unidos. A farta distribuição de faixas e camisetas pelas ruas não contagiou a população, mas os poucos adultos e muitas crianças que foram receber o presidente deixaram Rossi satisfeito.

“Eu repetiria tudo hoje, se fosse preciso” — diz o empresário, lembrando que arrancou lágrimas de Figueiredo com a homenagem. “Ele teve de modificar sua opinião a respeito de Brasília, que acusava de não ter calor humano”.

Discos voadores

Na legião dos candidatos ao senado pelo Distrito Federal, nem todos apreciaram a idéia de Rossi. Sebastião Bortone, do desconhecido Partido Municipalista Comunitário, acredita, por exemplo, que Figueiredo nunca passou de um amante de cavalos e não merecia o título de presidente. Maldosamente apelidado de Bortone E.T., por suas ligações com a ufologia, o candidato tem razões pouco ortodoxas para não gostar do ex-presidente.

“Quando Ernesto Geisel transmitiu o cargo a Figueiredo, ele foi acompanhado

de uma grande, linda e maravilhosa esquadilha de discos voadores de Brasília até o Rio de Janeiro, o que não ocorreu na saída de Figueiredo”, garante Bortone. “Eu estava na Esplanada dos Ministérios e vi tudo isto, mas procuro sempre ficar calado, pois quem ouve a história acha que eu sou maluco”, diz ele.

Bortone conta, para eleger-se, com os 50 mil livros que já vendeu em sua carreira de escritor e editor. “Quem lê meus livros também pode votar em mim”, acredita. A julgar por “Dez dias que abalaram a Rússia” — crônica de uma viagem à União Soviética que escreveu há dois anos —, o candidato pode amealhar alguns votos à esquerda. “Quando voltei ao Brasil, percebi que a Cortina de Ferro é aqui e que os soviéticos estão mil anos na nossa frente”, afirma.

Pouco afeitos aos livros, boa parte dos outros candidatos prefere divulgar, sempre que possível, supostas amizades com o fundador de Brasília, Juscelino Kubitschek. Newton Rossi diz que se mudou para a cidade com o ex-presidente e se tornou seu assessor parlamentar. **Tio Padeiro** garante que chegou a Brasília ainda mais cedo, igualmente pelas mãos de Juscelino, para quem construiu o primeiro hospital da Cidade-Livre.

Também candidato ao Senado, Manoel Oséas orgulha-se de ter trabalhado como auxiliar de gabinete de Juscelino, para quem levava e trazia documentos. Filiado ao Partido Municipalista Brasileiro, onde despontam, como postulantes à Câmara o **Doutor Favela** é Otacílio Norberto, o “candidato certo”, Oséas tomou gosto pela política durante a permanência no Palácio do Planalto. Mudou-se para Goiás, onde conquistou o apelido de **Oséas 107**.

Após três tentativas de chegar à câmara, sempre usando esse número, ele finalmente chegou a uma das primeiras suplências em 1978. Três anos mais tarde conseguiu assumir o mandato, mas apenas por 107 dias.

O amor por Juscelino e a idolatria pelo Senado, como símbolo de ascensão alimentado pelos pioneiros, já existem há bastante tempo em Brasília. Durante almoço em comemoração dos 15 anos do Iate Clube, em 1976, um rico empreiteiro conhecido por Marinho revoltou-se porque o avião de Juscelino, que seria homenageado, não pode posar na capital, por proibição dos militares. Embriagado, subiu à mesa e ensaiou um comício:

“Quando cheguei a Brasília, pobre, só entendia de tipografia” disse na ocasião, o empreiteiro, que já morreu. “Mas quando fui procurar emprego, um funcionário do governo trocou as letras por engano e eu me tornei topógrafo, sem querer. Acabei enriquecendo com a construção da cidade, mas hoje eu gastaria toda a minha fortuna para me eleger senador”.